

Edição n. 11 Outubro de 2020

# FOLHA

## de Algodão

### HISTÓRIA

Sítio Jandaíra, onde tudo começou

### ARQUEOLOGIA

Conglomerado de Sítios Arqueológicos é um paraíso para historiadores e arqueólogos

### BELEZA

Ensaio mostra pôr-do-sol encantador de Algodão de Jandaíra

### CULTURA

Conheça os principais pontos de visitação da cidade

### TURISMO

Saiba mais sobre a tradicional Cavalgada de São Pedro



# Carta ao Leitor

A revista Folha de Algodão é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de João Soares da Silva e Rayssa Danielle, estudantes de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. A idealização deste projeto surgiu do desejo de seus criadores em dar visibilidade ao potencial turístico, histórico e cultural do município de Algodão de Jandaíra-PB.

Como algadoenses e jornalistas em formação, nos sentimos com a missão de elaborar um produto editorial capaz de proporcionar à nossa terra natal a visibilidade condizente com suas potencialidades. Um paraíso arqueológico e turístico, mas inexplorado e sem o destaque merecido. Até seus filhos nativos têm pouco conhecimento sobre as riquezas do lugar.

Alguns moradores da cidade também desconhecem sua própria história e a de seus ancestrais. E por entendermos a revista enquanto produto de mídia, como um lugar de articulação de memória coletiva, percebemos a importância deste periódico como registro histórico e fonte de pesquisa. Por isso, Folha de Algodão traz recortes históricos de alguns personagens que protagonizaram tramas e enredos que marcaram sua época, a exemplo de Francisco Braga, Carolina Lúcia de Brito e José Américo de Almeida.

Também é nosso propósito chamar a atenção do poder público e da iniciativa privada para que invistam na região. Habilitar o lugar, criar estrutura, acesso, meios de divulgação e recepção de visitantes são ações que podem gerar emprego, renda, visibilidade e valorização para a cidade e seus moradores. Um conjunto de estratégias que já se mostrou eficaz em outros municípios de porte e atrativos semelhantes à Algodão de Jandaíra.

A primeira edição da revista, que terá periodicidade trimestral, contempla matérias que enfocam a história do lugar, a exemplo de “Sítio Jandaíra, onde tudo começou”; histórias de sua gente, como em “Amor à música e determinação na vida – Um perfil do Maestro Martinho”; suas belezas paisagísticas abordadas no “Roteiro do Turismo”; suas potencialidades turísticas e históricas apresentadas na reportagem: “Arqueologia em Algodão de Jandaíra”, dentre outras matérias. Acreditamos que a revista será um divisor de águas no que diz respeito à difusão das informações relevantes sobre este município incrustado no semiárido nordestino, no intento de promover uma rede de memória coletiva, reconhecimento e valorização de suas riquezas, tanto por moradores quanto por visitantes.

**BOA LEITURA!**



## RAYSSA DANIELE, 26 ANOS. PARAIBANA QUE AMA SUAS RAÍZES

O jornalismo e a fotografia me escolheram e hoje faço jus a esse presente que a vida me deu. A revista Folha de Algodão nasceu do desejo de deixar algo para minha cidade querida e também colocar nessas folhas tudo que aprendi ao longo desse percurso. Quase jornalista, me vejo dando vida a um sonho e assim deixo um pouco de mim e das minhas paixões, que é documentar e eternizar através da escrita e da fotografia, nossa cultura e nossa história. Até aqui foi muito chão percorrido, mas em tudo sou grata a Deus e aqueles que passaram em minha história, contribuindo na vida acadêmica e pessoal, e assim dando vida a mulher que hoje sou.

## JOÃO SOARES DA SILVA, 37, CASADO COM ROSÂNGELA, PAI DE NICOLY, JOEL E KALEB

Graduado pelo Centro de Treinamento Bíblico Rhema Brasil. Pastor da Igreja Vidas, na cidade de Algodão de Jandaíra desde o ano de 2010. O jornalismo surgiu na minha vida em 2005 quando apresentei meu primeiro programa de rádio em Araruna-PB. A partir daí busquei formação, mas com a vida sacerdotal, interrompi os estudos na comunicação e enveredei pelo caminho da Teologia. Anos mais tarde retomei os estudos e hoje sou quase jornalista. Também sou técnico de enfermagem e socorrista, e vejo nessas profissões a possibilidade de exercitar o meu chamado com excelência e servir ao meu próximo da melhor forma possível. Um homem apaixonado pela vida e pelas coisas de Deus.





6. ONDE tudo começou

Algodão de **JANDAÍRA .10**

Um breve **HISTÓRICO .12**

16. Tecendo **CULTURA: caso Carlo**

18. Igreja **SAGRADO** Col

22. Perfil do maestro **MARINHO**

**ROTEIRO** Turístico .24

**ENTREVISTA:** Gláucia Eliz

30. **SÍTIOS** Arqueológicos

Ensaio: **PÔR-DO-SOL .34**

40. Cavalgada de **SÃO PEDRO**



2  
ota  
oração de Jesus

zabeth .28

# EXPEDIENTE:

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM  
CURSO DE JORNALISMO

## REITOR

Antônio Guedes Rangel Júnior

## CHEFE DE DEPARTAMENTO

Orlando Ângelo da Silva

## COORDENADOR DO CURSO

Rômulo Azevedo

## ORIENTADORA

Ada Guedes

## BANCA EXAMINADORA

Ingrid Fechine

Jurani Clementino

## TEXTO E FOTOGRAFIA

João Soares

Rayssa Daniele

## PRODUÇÃO E REPORTAGEM

João Soares

Rayssa Daniele

## PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Alessandra Clementino

## FOTO DE CAPA

Rayssa Daniele

EDIÇÃO NÚMERO 1  
OUTUBRO DE 2020

# Sítio Jandaíra, ONDE

## BERÇO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

Localizado à 6 km do perímetro urbano, o sítio Jandaíra é o berço da criação de Algodão de Jandaíra, ponto de partida para o surgimento do município que hoje conhecemos. Foi rota do cangaço e cenário de episódios importantes da infância do escritor e ex-governador da Paraíba, José Américo de Almeida. Em seu último livro, denominado “Memórias, antes que me esqueça”, de 1976, o filho ilustre descreve um pouco de sua vivência nessa terra:

“Essa casa não se afogava no arvoredo. Tinha alpendres que a protegiam do sol, à caladas, abrigavam cabras que se esfregavam nas portas. Era também morada de maribondo amarelo e do caboclo, cujas ferroadas davam febre,

frio e dor de cabeça. Alta noite, ouviam-se o crótalos: a cascavel agitava seu chocalho. Antônio Batista, que acabou dono da fazenda, era vaqueiro de meu pai e pessoa de sua confiança.”

Fazendo limite com a fazenda de José Américo estava a propriedade do seu tio, o monsenhor Valfredo Leal. Construído em 1917, o casarão foi local de passagem e abrigo para o temido cangaço Antônio Silvino. Bem conservada, a edificação tem mais de 100 anos e sofreu poucas alterações em relação à originalidade de sua arquitetura. À 2 km em direção a oeste, estão as ruínas da antiga casa de Joaquim dos Santos Leal, mais conhecido por Major Quincas, que juntamente com a

pernambucana Carlota Lucia de Brito protagonizaram uma história de amor, política e morte. Uma trama tão marcante que foi tema de monografias, retratada nos livros de Horácio de Almeida, José Américo de Almeida, e mais recentemente, do professor e escritor Mario Vinicius Carneiro Medeiros. No ano de 1981, virou filme pelas lentes do jornalista e cineasta Machado Bittencourt.

São muitas as lendas contadas pelos moradores mais velhos dessa comunidade. Uma delas é a história de Chico Moleque ou Chico Preto, um escravo que teria recebido uma ordem de “seu dono”, e no caminho, faminto, parou em uma casa e pediu comida. “Seu senhor” sabendo disso, o colocou no tronco. Com



# E TUDO COMEÇOU

desgosto, o escravo saiu para o mato e debaixo de um pé de umbuzeiro cometeu suicídio por enforcamento. Até hoje a árvore centenária existe e é conhecida como o umbuzeiro de Chico Moleque.

No início do século XX, o lugar era bem organizado para os padrões de sua época, com casas bem estruturadas, – a maioria de pessoas com posses oriundas da cidade de Areia –, tinha uma pequena capela e seu próprio cemitério. Dava visíveis sinais de que o processo de urbanização partiria dali, mas não foi o que aconteceu. Depois de algum tempo o processo estagnou e surgiu um novo povoado à 6 km de distância.

A dúvida que permanece é: Por que parou? Joab Braga, ad-

vogado e pesquisador da história de Algodão está escrevendo um livro sobre a história da cidade e traz uma revelação importante sobre esse fato. Descendente dos fundadores do povoado, ele disse o seguinte: *“Isso se deu pelo fato de que Sebastião Braga e Inácio Braga doaram as terras para que se construísse o acervo patrimonial da Igreja Católica. Daí veio a construção da primeira casa, erguida por Vicente Ferreira de Lima e da Capela do Sagrado Coração de Jesus, e daí começou a surgir mais casas dando origem a cidade que conhecemos hoje.”* Entende-se que com a doação dessas terras, em 1917 foi concluída a edificação da primeira capela, e conseqüentemente em seu entorno começaram a surgir as primeiras construções.

Ao mesmo tempo as famílias começaram a abandonar o campo dando início ao processo de urbanização, resultado do êxodo rural. Outras questões como a política também foram primordiais.

Nessa época, já existia o cemitério datado do século XIX. Um fato curioso é que no ano de 1917, esse campo santo passa por uma reforma significativa, talvez tenha sido uma tentativa de paralisar o processo de imigração, pois os moradores enterravam seus mortos em Jandaíra, o sítio, mas andavam 6 km a pé para frequentar as missas na nova capela. A antiga capelinha mal estruturada que outrora servia de espaço para culto, a partir de então tornou-se abandonada, assim como a urbanização, de



Jandaíra | Casa Monsenhor Valfredo Leal

fato, aconteceu no novo povoado e não no sítio que fora berço do município.

### UMA FONTE DE "OURO BRANCO"

No Brasil, o auge do cultivo algodoeiro se deu entre o final do século XVIII e começo do século XIX. Com o declínio da extração do ouro e expansão da cafeicultura nacional, o algodão também chamado de ouro branco, tornou-se um protagonista no cenário da economia nacional. Anteriormente, sendo produzido em grande escala nos Estados Unidos colonial, toda a produção era exportada para a

Inglaterra. Com a independência americana e o rompimento diplomático entre os dois países, os ingleses passaram a importar quase toda a produção do algodão brasileiro.

Mesmo com o fim do ciclo dessa cultura no século XX, muitas plantações ainda prevalecem no Nordeste do país. Se alternando entre ciclos altos e baixos, a cotonicultura já foi mais expressiva na região principalmente até a década de 70. No sítio Jandaíra existia inúmeras plantações de algodão, Anitino Batista, seu filho José Batista, e Antônio Olímpio estavam entre os muitos agricultores que plantavam. Os compradores vi-

nham de toda a parte, de perto e de longe, para adquirir o ouro branco, e quando retornavam às suas terras e eram indagados sobre a origem daquele produto, eles respondiam: *"Esse é o algodão de Jandaíra"*. A expressão foi sendo absorvida, dando origem ao nome deste município. Francisco Braga, um dos comerciantes do povoado, era um dos compradores, e segundo moradores antigos, ele obteve muito lucro, por ser o único que naquela época possuía um rádio. Ouvindo o programa *A Voz do Brasil* recebia informações privilegiadas sobre as altas e as baixas nos preços dos produtos, o que lhe permitia fazer os investimentos cer-



tos, evitando possíveis prejuízos.

Com o passar do tempo, os longos períodos de estiagem, e a praga do bicudo-do-algodoeiro (*anthonomus grandis*), a produção de algodão ficou cada vez mais escassa, chegando ao fim os tempos áureos, restando apenas as histórias da produção e da comercialização do famoso ouro branco.

## TERRA DE MUITAS HISTÓRIAS E DE GENTE ILUSTRE

Há duas outras versões sobre a origem de seu nome. Alguns dizem que naquela localidade se produzia muito mel de abelha da espécie Jandaíra, um mel fino e produzido por uma abelha rara. Outros dizem que este era o nome de uma índia que morreu de fome e foi sepultada perto de uma curva. O que se sabe de verdade é que Jandaíra foi a terra dos Batistas, dos Leais e dos Almeidas, oriundos do Brejo de Areia, senhores de engenho que mantinham propriedades para criação de animais que não se adaptavam às terras brejeiras. Em tempos chuvosos, aqueles que convalesciam de doenças respiratórias, a exemplo da tísica e da tuberculose, eram trazidos para serem curados em Jandaíra, por ter um clima seco em contraste com o clima brejeiro.

Essas três famílias tinham

laços estreitos com a política paraibana. José Américo de Almeida, por exemplo, além de ter se tornado um renomado escritor, assumiu cargos de primeiro escalão na política nacional, chegando a ser governador do estado da Paraíba. Seu tio Valfredo Leal, mesmo sendo sacerdote, também assumiu

cargos importantes, foi deputado, senador e governador paraibano. Antônio Batista da Silva que era vaqueiro de confiança de Inácio Augusto de Almeida, pai de José Américo, mais tarde adquiriu as terras do então povoado, que pertencem até hoje aos seus inúmeros descendentes.



Jandaíra | Casa Monsenhor Valfredo Leal



Jandaíra | Casa Pedro Américo



INEXPLORADO, É UM LUGAR POTENCIALMENTE TURÍSTICO  
UM PARAÍSO PARA HISTORIADORES, ARQUEÓLOGOS E AVENTUREIROS

# Algodão de Jandaíra

O município de Algodão de Jandaíra tem sua formação histórica, política e cultural relacionada ao avanço dos colonizadores no agreste paraibano por volta do século XVII, mas sua história remonta a das antigas civilizações que habitavam estas terras. Apesar de não existir registro escrito na literatura convencional, a arte rupestre está presente em muitos paredões de pedras da região. A Pedra do Caboclo é o mais conhecido. Cenário de um massacre indígena, forma juntamente com outras rochas um conglomerado de sítios arqueológicos. Segundo a

tradição oral, tribos indígenas como Caxexa e Cariri habitavam essa terra, e mesmo não existindo documentos fidedignos que comprovem isso, os traços indígenas são notáveis nos rostos de muitos moradores.

Em 1957, Algodão de Jandaíra torna-se povoado de Remígio quando este ganha a sua emancipação política do território de Areia-PB. Foi elevado à condição de distrito no dia 18 de Janeiro de 1962 através da Lei Estadual 2.778/1962, e emancipado do município de Remígio em 29 de abril de

1994 através da Lei Estadual 5.928/1994

Dentre as muitas narrativas que ilustram a história do lugar está o “Caso Carlota”. Uma mulher empoderada, independente e dona de sua própria história, Carlota Lucia de Brito foi capaz de “escandalizar” a sociedade areiense do século XIX, tendo o então povoado - que naquele tempo se chamava Bons Ares - como cenário de uma trama que envolveu amor, conspiração política e morte.

De clima seco, tem a caatinga como vegetação nativa. Está inserido no semiárido brasileiro



# Jandaíra

e tem baixos índices pluviométricos. O reservatório de água principal é um açude construído em 1950 pelo ex-Governador da Paraíba José Américo de Almeida. A economia sempre girou em torno da agricultura de subsistência. Culturas como a do algodão e do sisal já foram a base da economia no passado, mas com a severidade da seca e a praga do bicudo, os principais produtos agrícolas que permaneceram foram: fava, feijão e milho. Quando os anos são chuvosos, há uma grande produção dessas culturas, que são usadas

para consumo, e vendidos o excedente.

No que diz respeito à pecuária, existe em algumas propriedades, a criação de suínos, ovinos e bovinos, mas a caprinocultura é o forte, por serem animais de grande resistência, os caprinos são resilientes e se adaptam facilmente às condições climáticas dessa região. Com o incentivo de programas federais e a facilidade de crédito fornecido por alguns bancos, muitos produtores conseguem viver na zona rural, e mesmo que de forma árdua, garantir o

seu sustento.

Com 26 anos de emancipação política e muitos anos de história, esse lugar é potencialmente turístico. Suas serras e inúmeras formações rochosas são repletas de gravuras rupestres, ideais para a visitação, para a prática do rapel e esportes de aventura. A secular Capela Sagrado Coração de Jesus, as fachadas das casas antigas, as ruínas de um cemitério, e os casarões, fazem parte de Algodão de Jandaíra, que tem um grande potencial, e está pronto para ser explorado.

# UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O AÇUDE DO MOTOR DA LUZ E O LEGADO DE FRANCISCO BRAGA

Não existem documentos com registros sobre o contexto da época em que o açude de Algodão de Jandaíra foi construído. As pessoas mais velhas pouco sabem e os mais jovens ignoram por completo as circunstâncias em que a obra foi concluída. Sabe-se apenas que suas obras foram iniciadas em meados de 1952 e concluídas em 1954. A ideia de represar as águas do Rio Jandaíra e do riacho da Serra do Algodão foi de Francisco Braga, um comerciante e político muito atuante na região.

A história deste re-

servatório se confunde com a de Francisco Braga. Membro do Partido Perrepista, viveu em uma época que tinha como pano de fundo, o coronelismo. No povoado, era adversário de Júlio Rafael (Partido Liberal) e tinha divergências políticas com o major José da Cunha Lima, político influente de Areia-PB, que pertencia ao Partido Conservador. No ano em que as obras do açude foram inicializadas, Francisco Braga foi candidato a vereador pelo município de Areia-PB, mas perdeu o pleito. Após a derrota, não baixou a cabeça e

afirmou que: *“para ser líder não precisaria ocupar cargo público”*.

Antes das eleições em que foi derrotado, em conversa com o Prefeito de Areia-PB, Armando Damasco de Freitas conseguiu uma ponte até o Governador do Estado da Paraíba, José Américo de Almeida. Francisco Braga pediu ao Governador a construção de um reservatório para o pequeno povoado de Algodão de Jandaíra que tanto sofria com a seca. José Américo, de imediato atendeu o pedido,

A photograph of cotton bolls on a branch, with a white semi-transparent box containing the title text overlaid on the left side. The background is a light, textured surface.

# AÇUDE DE ALGODÃO, O FRANCISCO BRAGA...

assinou a ordem de serviço e rapidamente as obras foram iniciadas. Ora, tal obra era de interesse do Governador, tanto pela questão política, como pelos vínculos emocionais que tinha com essa terra desde a sua meninice.

Um fato curioso relatado por Chico Grande, na

época adolescente, é que além da força humana, e de algumas máquinas, grande parte da força empregada nessa empreitada, foi a dos jumentos. Ele afirma que um dos chefes dos tropeiros era Pedro Batista, e que os animais tanto eram usados para o carregamento dos

materiais, como para pisar sobre o barro e compactá-lo, principalmente sobre o balde do açude. Chico Grande acredita que o fato desse reservatório nunca ter sofrido nenhum tipo de rompimento, foi graças a esse método de trabalho rudimentar.

Em postagem em sua rede social, a saudosa Lourdinha Luna, ex-secretária de José Américo de Almeida, chama a atenção das autoridades locais para a importância desse açude e do suporte econômico que deu aos moradores de Algodão de Jandaíra durante a grande seca de 1970.

## Lourdinha Luna

Careço de um esclarecimento. Esse açude público é o construído por José Américo quando de seu governo na Paraíba? Assisti a inauguração. Em 1971, depois da seca de 1970 um jornalista da Globo esteve em Algodão para se certificar do comportamento do reservatório no ano anterior registrado como de seca. A resposta foi: alimentou a população com peixe e o restante foi comercializado. Anotei a satisfação de José Américo com a notícia. O mesmo foi feito com o açude de Barra de Santa Rosa.

Curtir · Responder · 2 a





Segundo nossas fontes, a primeira vez que o açude recebeu um considerável volume de águas foi no ano de 1960, um acúmulo que rendeu até 1990. Nos anos posteriores com as precipitações pluviométricas abaixo da média, o reservatório recebeu uma quantidade razoável, “sangrando” poucas vezes. Após um período de nove anos recebendo poucos milímetros, no dia 25 de março de

2020, após duas horas de fortes chuvas, o açude voltou a transbordar.

Segundo dados da AESA (Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba) a capacidade máxima desse reservatório é de (m<sup>3</sup>): 1.025.425. Quando os anos são chuvosos se torna uma alternativa de renda para os pescadores e agricultores da região, que produzem e pescam para o sustento de suas famílias e

vendem o excedente. Antigamente a água era saneada para a zona urbana, mas com a recorrente estiagem, o fornecimento foi interrompido, permanecendo assim até hoje.

Os atuais moradores de Algodão de Jandaíra, talvez não saibam, mas têm uma dívida de gratidão com Francisco Braga, incansável em sua luta para trazer desenvolvimento para essa terra. Além de conseguir a



construção do açude, em 1960 angariou recursos para a instalação do motor da luz, um sistema de eletricidade movido a diesel que iluminava o pequeno povoado.

“Francisco Braga era um homem muito inteligente. E ele dizia que no dia em que visse o açude cheio, e energia na cidade poderia morrer em paz. Conseguiu a construção do açude junto ao Governador José Américo de Almeida e o motor da luz com Epitácio Bronzeado, político da época. Esse motor era do cinema de Esperança-PB. Ele foi à João Pessoa comprou todos os postes de madeira, os fios, e fez toda a instalação, sendo inaugurado em 13 de Março de 1960. Em 1960 estava Algodão com eletricidade e com o açude sangrando, e a alegria de Chico

*Braga foi grande demais. No dia 09 de maio de 60, ele morreu, morreu satisfeito..* ”

(CHICO GRANDE)

Com a chegada da energia elétrica em meados dos anos 80, o motor da luz foi desativado, atualmente o maquinário está sob os cuidados de Pedro Ernane, que conseguiu resgatar as peças após anos de abandono, e tem a ideia de no futuro, criar um memorial da história de Algodão de Jandaíra. O açude permanece, é simbólico para o povo algodoense. Contorna parte da área urbana e é espelho para a lendária Pedra do Caboclo, para a Pedra Furada e para a belíssima Serra do Algodão. Nos dias mais quentes é uma excelente opção de lazer, vira balneário e atrai tanto moradores da região como turistas.

O trabalho de Francisco Braga repercute. Devido a sua capacidade de pensar além do seu tempo, e de ser extremamente inovador não foi compreendido pelos seus contemporâneos, não foi reconhecido como deveria, mas deixou um exímio legado. Atualmente, a rua principal de Algodão de Jandaíra leva o seu nome, uma singela homenagem para alguém tão ilustre. Após sua morte, sua família se mudou do povoado, alguns parentes de segundo grau residem no município e ainda hoje o seu nome é associado à política, ao empreendedorismo e à inovação.

#### Fontes:

AESA / DNOCS / CAGEPA  
Chico Grande  
Joab Braga  
Facebook da Secretária de Infraestrutura de Algodão de Jandaira

# O caso Carlota:

uma história de crime, romance e **POLÍTICA**

Por volta de 1845 chega a cidade de Areia-PB, uma misteriosa mulher chamada Carlota Lúcia de Brito. Fugindo da seca pernambucana, a viúva oriunda de Pajeú das Flores-PE, chega na companhia de sua filha Jovina e de uma leva de escravos. Abastada, imediatamente compra uma propriedade no sítio Cantinhos, território localizado há uma considerável distância do centro urbano. O sobrado de Carlota passa a dar um novo significado às fatídicas viagens de Major Quincas até a sua fazenda no sítio Jandaíra. O início de um tórrido romance foi só uma questão de tempo. O fato escandalizou a sociedade areense que não aceitou o relacionamento fora dos padrões morais da época. As divergências políticas envolvendo o casal e outras pessoas desencadearia uma série de tragédias que abalaram o brejo e o curimataú paraibano.

Essa trama real foi tema de livros, filmes e estudos acadêmicos, que deixaram registrados na história, um enredo digno de obras de ficção. Aqui apresentamos duas produções que abordam esse fato: O livro “O crime de Carlota Lúcia de Brito – A verdade dos fatos”, do professor e escritor Mário Vinícios Carneiro de Medeiros; e o filme “O Caso Carlota”, do cineasta Machado Bittencourt.



## LINKS DO FILME

- CASO 1: <https://yo>
- CASO 2: <https://yo>
- CASO 3: <https://yo>
- CASO 4: <https://yo>

## PARA LER:

Conheça a verdade dos fatos

“O Crime de Carlota Lúcia de Brito – a Verdade dos Fatos”, de autoria de Mário Vinicius Carneiro Medeiros, em alguns pontos, se contrapõe às versões apresentadas pelos escritores Horácio de Almeida e José Américo de Almeida. A abordagem de Mário é totalmente baseada nos autos dos processos judiciais, em investigações minuciosas, documentos paroquiais, periódicos da época e documentos inéditos que jamais foram citados nas obras anteriores.

Não se trata de desmerecer o trabalho dos ilustres autores que outrora percorreram sobre a emblemática Carlota, mas é possível afirmar que a obra de Mário, até por ser um trabalho de historiador, é sem dúvidas, mais rica e mais completa. O livro é denso, com mais de 400 páginas, resultado de um árduo trabalho de quase 10 anos. O autor tem a capacidade de transportar o leitor até o tempo e o espaço dos acontecimentos. O que enaltece ainda mais essa obra é o fato de que o autor atua, em certos momentos, como um advogado de Carlota, desmitificando a imagem da mulher leviana, promíscua e vulgar, um estereótipo que foi construído no imaginário popular e reforçado pelas obras de Horácio e José Américo. É compreensível a parcialidade desses autores em relação ao caso de Carlota, levando em consideração que as suas respectivas famílias foram envolvidas nessa trama e sofreram prejuízos. O fator emocional pode ter sido decisivo na construção de suas narrativas.

Para quem já leu as versões anteriores e depois se deparou com O Crime de Carlota Lúcia de Brito – a Verdade dos Fatos tem a sensação de que era devido um pedido de desculpas a Carlota. E é verdade, graças a Mario Vinicius e sua obra, respaldada por documentos irrefutáveis, chegamos à conclusão de que Carlota Lúcia de Brito era uma mulher empoderada, empreendedora e resiliente. Que apesar de pagar o preço de passar o resto da vida em um cárcere, não abriu mão de suas convicções, seus ideais e sua paixão.



## PARA ASSISTIR:

Filme de Machado Bittencourt tem cenas gravadas em Areia e Algodão de Jandaíra

Em 1981 a história vira filme pelas lentes do jornalista e cineasta Machado Bittencourt. Lançado pela Cinética Filmes, a película tem cenas gravadas entre Areia e Algodão de Jandaíra, especificamente no Sítio Jandaíra. Mesclando documentário e drama, Machado constrói a sua narrativa baseado nas informações históricas coletadas nos autos do processos arquivados na Comarca de Areia, como também nas obras de José Américo de Almeida e Horácio de Almeida.

A personagem de Carlota é interpretada pela atriz Neuma Correia. Com 85 minutos de duração, o filme está disponibilizado no YouTube e apesar da péssima qualidade das imagens e de interpretações um tanto amadoras, vale muito a pena assistir esse material, pois a obra permite que o espectador tenha um vislumbre dos desdobramentos dos fatos e do desfecho da história. Vale salientar que o filme foi construído a partir das fontes disponíveis na época, e anos mais tarde surgem novas possibilidades que refutam a veracidade de alguns fatos dessa trama.



### NO YOUTUBE:

[youtu.be/DfsmqlzQ378](https://youtu.be/DfsmqlzQ378)

[youtu.be/OMOVPEIDa2g](https://youtu.be/OMOVPEIDa2g)

[youtu.be/YdCDKQ3Y3E](https://youtu.be/YdCDKQ3Y3E)

[youtu.be/3ezk1xnQflo](https://youtu.be/3ezk1xnQflo)





# Capela Sagrado Coração de Jesus

UM MARCO HISTÓRICO E DE FÉ NO CORAÇÃO DE ALGODÃO DE JANDAÍRA

A bela Capela Sagrado Coração de Jesus é um dos principais monumentos históricos da cidade de Algodão de Jandaíra, com projeto datado de 1917. No dia 08 de agosto de 2020 recebemos nosso primeiro pároco, Padre Romildo.

Foi a construção da Capela que deu início a formação da cidade, pois as primeiras casas e ruas começaram a ser edificadas ao seu entorno. Surgia ali o coração do então povoado. Do qual ainda podemos encontrar riquezas e vestígios preservados nos dias de hoje. O projeto idealizado por Sebastião Braga, que

doou o terreno para construção do prédio, contou com o apoio importante de Vicente Ferreira, um morador local que investiu na época, cerca de 1.500,00 (mil e quinhentos) cruzados, culminou com o início da construção no ano de 1913 e teve como mão de obra, de forma voluntária, todos os moradores daquela época.

Mesmo sendo um prédio centenário, um dos primórdios da cidade, a igreja não se encontra como um patrimônio tombado, o que daria garantia à sua proteção contra danos e reformas.

# RELÍQUIAS DA IGREJA



Missal em latim

Em seu interior, encontram-se relíquias como arquitetura histórica, azulejos centenários e imagens de santos muito antigas, doadas pelos primeiros moradores do município. Ou seja, artefatos valiosos que se mantêm intactos ao longo de tempo e se constituem uma verdadeira riqueza para os olhos de quem os veem, mas também para muitos colecionadores. A Igreja Sagrado Coração de Jesus é um dos atrativos da nossa querida cidade, destaca sua arte sacra, remete à calma das pequenas cidades de interior, desperta aos amantes do turismo religioso, a verdadeira paz interior, sobretudo, para aqueles que desejam se refugiar dentro de sua fé.



Pedra onde o padre celebrava a missa em pé



Sagrado Coração de Jesus



Imagem de Santa



Imagem de Santa



Azulejo original da Igreja



# AMOR A DETERM UM PERFIL DO MAE

Nascido no tanque da Amélia. Menino de família humilde, filho dos filhos das terras de Algodão de Jandaíra. Martinho José dos Santos é músico por mérito, e digno de orgulho para esta cidade. De família grande, teve oito irmãos e aos 10 meses perdeu seu pai. Em tempos difíceis, sua mãe Maria Madalena da Conceição buscou novos rumos para sua prole e se mudou para a cidade próxima, Remígio.

Lá os anos se passaram e alguns dos seus irmãos tomaram seu destino e o menino logo se dispôs a ajudar a mãe. Ainda criança, saía às ruas a pedir um trocado ou algo que lhe dessem de bom grado para ajudar nas

necessidades do lar.

Admirador da música, ainda criança, seus olhos brilhavam e logo iam ao encontro das bandas filarmônicas que desfilavam na cidade de Remígio. Certo dia vestiu-se de coragem e pediu para o Maestro Seu João do trator lhe “ensinar música”, como assim ele dizia.

Um vencedor. Desde muito pequeno logo se dispôs a buscar conhecimento na cidade vizinha, Areia. Muitos obstáculos chegavam ao seu caminho, mas aquele garoto enfrentava todos em busca do seu sonho. Não importa quantos quilômetros teria que fazer andando a pé na chuva ou no sol, ele continuava o seu percurso.

Anos se passaram de persistência e lutas diárias, o menino cresceu e se tornou Seu Martinho, agora trompetista, saxofonista, trombonista, e por fim, Maestro de respeito.

Em diversas cidades se apresentou, mostrou seu talento, mas foi em Algodão de Jandaíra que ele fez a história escrita por sua família criar vida e hoje é o hino deste lugar. Foi maestro de banda filarmônica da cidade, porém, a grande preciosidade é sua história de vida e amor por este pequeno lugar no meio do nada, mas amado por muitos.

Com uma linda trajetória de vida, o Senhor Martinho é uma de nossas riquezas.



# À *música* E INAÇÃO NA VIDA: ESTRO MARTINHO

## HINO DO MUNICÍPIO DE ALGODÃO DE JANDAÍRA

LETRA POR Martinho José dos Santos  
 MELODIA POR Martinho José dos Santos

I

Algodão bem dotado em obras primas  
 Pai civil da Paraíba universal  
 Nascido da jandaíra abelhas cativas,  
 Que habitam o lugar...  
 Aí surgiu o vilarejo e o povo lhe batizou,  
 Algodão de Jandaíra,  
 Nome que se confirmou.

II

Sois gigante deste continente  
 A meio a estiagem  
 Ao seu redor, serras e rios  
 Caatinga que ao chover-se  
 Veste de folhagem.

### CORO

Algodão de Jandaíra  
 A vinte e nove de abril  
 Tornou-se independente  
 Para orgulho dos teus filhos

III

Entre serras e montanhas verdejantes  
 Num cenário colorido originai.  
 Ó cidade Algodão de Jandaíra,  
 Pra teus filhos não tem outra igual

IV

Lá na serra as pedras brilham,  
 em meio a natureza,  
 Sob seu solo que guarda  
 Uma imensa riqueza

### CORO

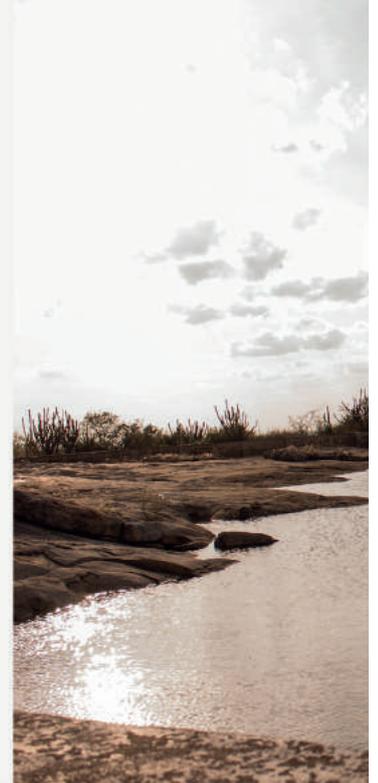
Algodão de Jandaíra  
 A vinte e nove de abril  
 Tornou-se independente  
 Para orgulho dos teus filhos



Pedra Furada

## PEDRA FURADA

Localizada a aproximadamente 4km da cidade, em um ponto mais alto que a Pedra do Caboclo, apresenta duas cavidades frontais. A sua volta, é possível observar uma vegetação típica do curimataú paraibano, além de vários reservatórios de água, chamados de tanques. A prática de rapel e escalada se destacam como atrativos deste lugar, que também é usado como cenário para diversos fotografos profissionais e amadores da região.



Do turismo religioso à prática de esportes de aventura, conheça os principais pontos de visitação da cidade

# TANQUE DA SERRA

Situado em um dos pontos altos da cidade, propicia ao visitante uma visão deslumbrante. Foi construído em um lajedo que acumula um ótimo volume de água, o que é importante durante a estiagem enfrentada pelos moradores. A combinação do lajedo com o acúmulo de água permite uma beleza ímpar que atrai a visitação e o turismo fotográfico.



Tanque da Serra



Tanque da Serra



Pedra do Caboclo

## PEDRA DO CABOCLO

Situada na Serra do Algodão, a Pedra do Caboclo fica a 2,5km do perímetro urbano. Na face leste encontra-se uma cavidade de aproximadamente 20 metros de altura e 11 metros de profundidade. É símbolo de uma memória oral passada de geração a geração que se constitui artefato imaterial da história da cidade. Moradores relatam sobre um massacre aos índios locais, perseguidos pelos homens brancos. A pedra foi usada como refúgio, no entanto, muitos dos que ali se isolaram, lá permaneceram, pois os que tentaram sair da furna que tinha difícil acesso, eram abatidos a tiros de espingarda. Após muito tempo, quando os moradores conseguiram acesso a essa furna, encontraram vários ossos daqueles que morreram de sede e fome. A pedra possui uma pequena capela onde há peregrinação religiosa. Sua estrutura é propícia a práticas de esportes de aventura e de turismo ecológico. Práticas como rapel, escalada e acampamento são as mais procuradas. Além disso, se tem um alto número de visitantes apenas para contemplação, já que é possível ter uma visão panorâmica de Algodão de Jandaíra e suas adjacências.



Pedra do Caboclo



Pedra do Caboclo

e-  
a-  
o-  
ui  
m  
ra  
lá  
s-  
os  
os  
na  
ca  
s-  
m  
el

# ENTREVISTA COM *Gláucia*

## Aventureira e amante dos esportes de aventura

A pernambucana Gláucia Elizabeth Medeiros Nunes da Silva, 27, é natural de São Vicente Férrer, e visita Algodão de Jandaíra desde 2018. A professora vem ao município para a prática de esportes de aventura como rapel e escalada, e conversou conosco sobre o que considera mais atrativo e o que pode melhorar para valorizar ainda mais as potencialidades turísticas da região.

COMO CONHECERAM A CIDADE E SEU POTENCIAL PARA A PRÁTICA DESSAS MODALIDADES DE ESPORTE?

Conheci a cidade no ano de 2018 através do meu namorado e mais 3 amigos nossos que já escalavam na cidade. Eles sempre falaram muito bem do local, diziam até que “as vias de escalada de Algodão estavam no coração deles”. O que me deixa-

va ainda mais curiosa! Desde a primeira visita me encantei pelo lugar.

DESDE QUANDO FAZEM A VISITAÇÃO E PRÁTICA DE ESPORTES NO MUNICÍPIO?

Desde 2018.

SEU GRUPO É COMPOSTO POR QUANTAS PESSOAS?

Cerca de 10 pessoas.

QUAIS OS MAIORES DESAFIOS PARA PRATICAR ESCALADA E RAPEL NOS PAREDÕES DE ALGODÃO?

Um local propício para acampar. Faltam placas de sinalização dos pontos turísticos, estacionamento, restaurante próximo, mirante para proporcionar uma vista ampla da cidade, locomoção, falta guia ou a divulgação do mesmo, enfim, falta infraestrutura adequada pra receber turistas. E também melhorar o

acesso à Pedra do Caboclo por ser propriedade privada.

COMO VISITANTE ASSÍDUA DOS PAREDÕES VOCÊ PODE NOS DIZER O NÍVEL DE POTENCIALIDADE PARA AS ATIVIDADES?

Desde o iniciante até profissionais de escalada e rapel, segundo o croqui do EENER (Encontro de Escaladores do Nordeste - 2013), há vias de até 10º grau em registro).

A PEDRA DO CABOCLO E A PEDRA FURADA SÃO BEM VISITADAS POR VOCÊS. NA SUA OPINIÃO, DE QUE FORMA ESSES DOIS PONTOS SE DESTACAM?

Destacam-se pela possibilidade de prática de esportes radicais, dentre eles trilhas, escalada e rapel.

VOCÊ INDICARIA ESSES PONTOS TURÍSTICOS PARA VISITAÇÃO E PRÁTICA DA ESCALADA E RAPEL?

# Elizabeth:

Com certeza.

QUAIS OS PONTOS POSITIVOS VOCÊ DESTACA?

Vista incrível do pôr do sol, cor do granito das pedras (branco), acesso de rapel e escalada para iniciantes e também para profissionais, a beleza da vegetação e a tranquilidade do local.

O QUE PODERIA SER FEITO PARA DAR VISIBILIDADE E AUMENTAR O POTENCIAL DO NOSSO TURISMO?

Investindo em estruturas (Exemplo: Camping, mirante, estacionamento, local para alimentação) que possam abrigar e dar mais conforto aos turistas.

PODE CITAR, O QUE PARA VOCÊ, SÃO MARAVILHAS ENCONTRADAS AQUI?

A Pedra do leão, Climatizado, Pedra furada, Pedra da cabeça, Pedra do Caboclo.





# ARQUEOLOGIA EM *Algodão*

Um conglomerado de sítios arqueológico inexplorado



# o de Jandaira

## orado e desprotegido

A Paraíba possui parte de um grande complexo arqueológico, que vai do litoral até o seu interior. São centenas de locais com presença de registros arqueológicos, quase todos sem nenhuma proteção e aos poucos sendo destruídos. A arqueologia do estado da Paraíba se apresenta de vários tipos: Furnas nas rocha (com pinturas rupestres, material lítico, resquícios de fogueiras, cacos de cerâmicas e quase sempre com sepultamentos humanos); Sítio de indústria lítica (com grande quantidade

de micro lascas, pontas de flechas, forno para aquecimento da pedra, incisões nos blocos de rocha para polir material lítico, etc.); e Matações com pinturas e/ou gravuras rupestres. Quase sempre estes sítios estão localizados no alto de serras e serrotes.

Quando se fala em arqueologia em nosso estado, geralmente vem à memória a Pedra do Ingá, com suas itacoatiaras; e O Vale dos Dinossauros no município de Souza, alto sertão paraibano. Mas, há outras

idades que abrigam em seus territórios as marcas de civilizações perdidas, é o caso de Algodão de Jandaira, apesar de ainda desconhecido e pouco explorado. O município é detentor de um dos maiores sítios arqueológicos do estado. Ao longo de sua extensão territorial existe um conglomerado de paredões com gravuras rupestres; vestígios de antigas civilizações, ambientes que ainda não foram devidamente explorados e são desconhecidos do grande público.

# SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



São patrimônios culturais que não tem a visibilidade, importância e proteção que merecem. Até hoje nenhum desses monumentos passou por qualquer processo de tombamento, ou sequer houve interesse do poder público em inventariar e catalogar cada um desses sítios para que possam ser inseridos no mapa arqueológico da Paraíba. Dentre essas estações arqueológicas, a mais famosa é a Pedra do Caboclo, seguida pela Pedra Furada, Pedra do Poço, Serrote de Manoel Guedes, Serrote de Militão, Paredão do Açude, Serrote dos Porcos entre outras formações de pequeno porte. A maioria encontra-se ao redor do perímetro urbano, e em todos esses locais é possível notar pinturas em tom avermelhado e em diferentes formas.



Há anos esses lugares são constantemente visitados, mas como ainda não existe infraestrutura adequada, os espaços estão expostos, são sempre pichados e permanecem vulneráveis às depredações. Ainda não há dados concretos que afirmem qual civilização deixou essas marcas em Algodão de Jandaíra, nem há quantos anos existem. Um estudo com pesquisadores e técnicos da área se faz necessário para descobrir quem eram esses povos e em que circunstâncias habitaram esse lugar. Esses fascinantes sítios continuam à espera da valorização devida, ou seja, do tombamento pelo Instituto de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural, antes que seja muito tarde e os danos que vêm sendo causados a esses lugares sejam irreversíveis.

FONTE: <https://trilhaascaatinga.webnode.com.br/arqueologia-e-sua-historia/sitios-arqueologicos-na-paraiba/>



Pintura Rupestre



Pintura Rupestre



Pintura Rupestre

# Pôr do Sol

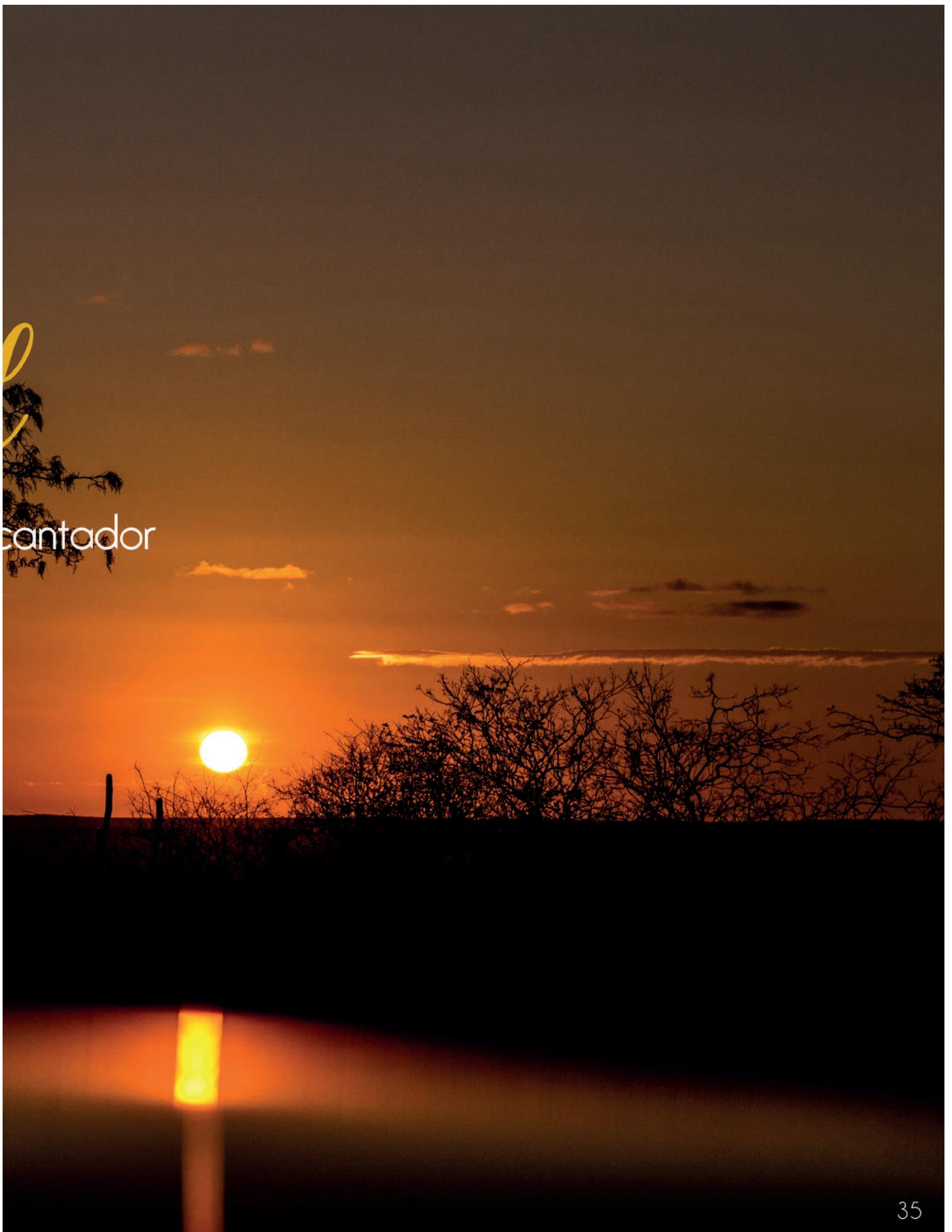
aqui esse fenômeno é mais enc

## ENSAIO MOSTRA UM SHOW DE CORES, BRILHO E SENSACÕES

Nossa cidade é privilegiada, pois dispõe de cenários deslumbrantes e de uma vista que se destaca na região. Por se tratar de uma cidade pequena quase não tem poluição. O céu é limpo e permite a admiração do conjunto paisagístico entre serras, rochas e natureza. É nesse cenário que se pode assistir um pôr do sol deslumbrante. Profissionais que buscam cenários perfeitos marcados pelo contato direto com a natureza e a luz natural para sua fotografia, encontra aqui um verdadeiro presente. Por isso mesmo, o turismo fotográfico também é praticado com frequência, tanto por amadores, como por pessoas especializadas em busca de registros que se tornam verdadeiros cartões postais.



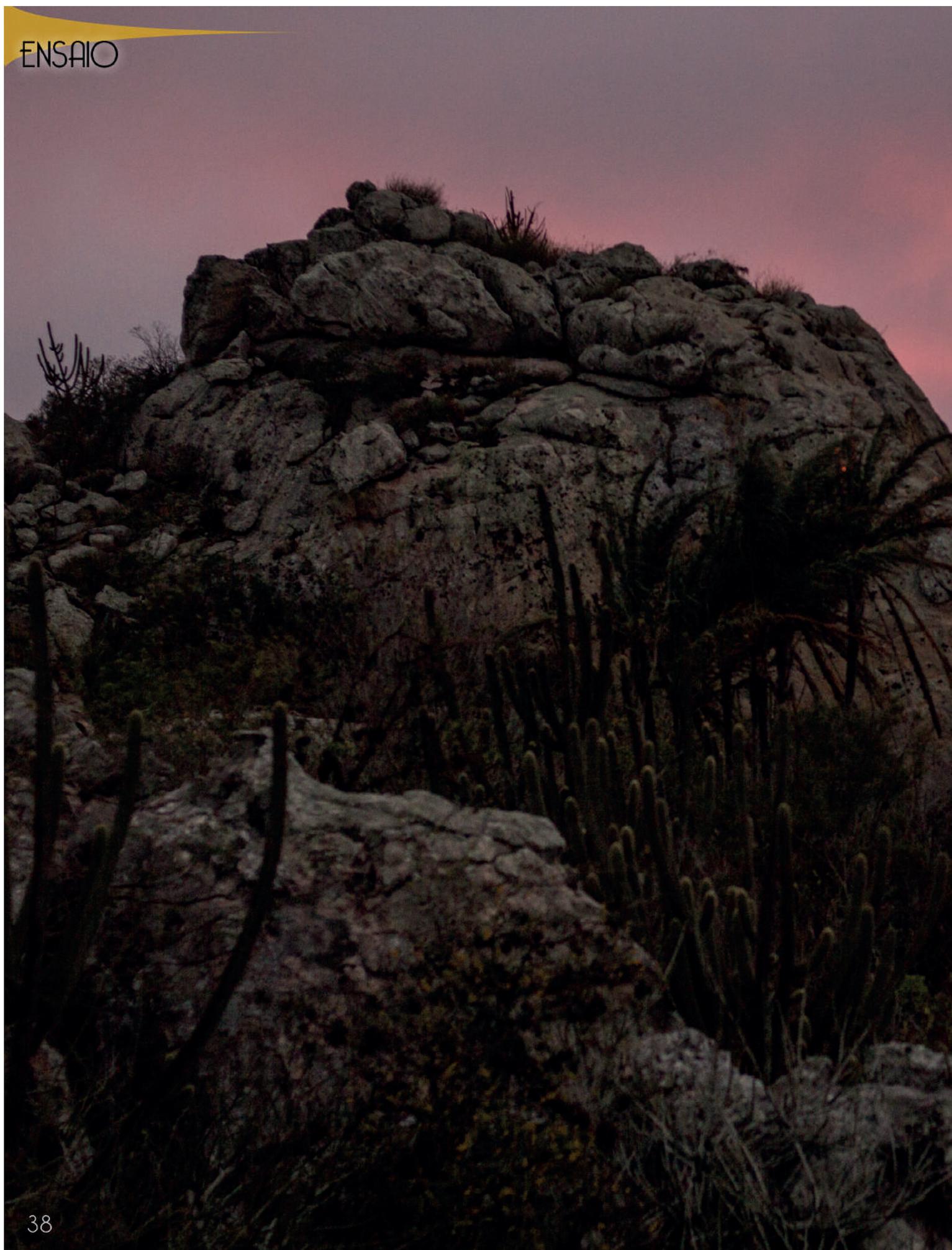
antador



ENSAIO









Um dos locais mais procurados é a Pedra do Caboclo, que por disponibilizar uma visão ampla, proporciona uma contemplação mais duradoura desse fenômeno que encanta pessoas no mundo todo. Para aqueles que procuram mais comodidade, há ainda o Tanque da Serra (reservatório de água) localizado na Serra do Algodão, que por sua junção dos elementos água e vegetação, gera outra atmosfera à hora mágica.

O cair da tarde de Algodão de Jandaíra é uma vista admirável, capaz de causar bem estar e encantamento a qualquer pessoa, seja um morador ou turista. Para você que não conhece, segue uma amostra do que pode ser visto e sentido nessa pequena cidade de ricas paisagens.





# algada de são pedro:

## CULTURA E TRADIÇÃO

Na bela e pequena cidade de Algodão de Jandaíra – PB, se enraízam tradições em um evento que acontece anualmente, denominado Cavalgada de São Pedro. De caráter cultural e religioso, o evento acontece sempre no dia do Santo que leva o nome da cavalgada e se constitui em um passeio a cavalo em trajeto pré-definido pelos organizadores. O ponto de saída e local de chegada diferenciam-se a cada edição do even-

to, mas há sempre o café da manhã onde se reúnem os cavaleiros e os animais para darem início ao trajeto, que também inclui uma caminhada pela cidade, e a bênção em frente à Igreja Sagrado Coração de Jesus.

Esta prática já é uma tradição, que une a paixão pelos animais, a contemplação da natureza e o desfrutar de boas companhias. Uma atividade praticada por veteranos e novatos. Para explicar o sentido, o surgimento e como ocorre

a Cavalgada de São Pedro, trouxemos uma breve entrevista com o idealizador do projeto, Raoni Fernandes.

Nascido e criado nas terras Algadoenses, Raoni Fernandes é cientista agrário pela UFPB, técnico em agrícola, amante da cultura regional e da natureza, e idealizador do projeto da Cavalgada de São Pedro. O jovem falou sobre este evento cultural que está em sua 8ª edição e garantiu aos cavaleiros e admiradores a continuidade da Cavalgada.

## ENTREVISTA

**PORQUE O NOME CAVALGADA DE SÃO PEDRO E QUAL O DIA DA REALIZAÇÃO DO EVENTO?**

A escolha justifica-se porque sou devoto de São Pedro e a cavalgada acontece em sua homenagem, no dia 29 de junho.

**QUANDO E PORQUE SURTIU A CAVALGADA?**

Este projeto se iniciou em 2004 com passeios entre amigos. No

entanto, foi no ano de 2012 que ele se concretizou e vem ganhando espaço e novos adeptos com o passar dos anos.

**O EVENTO ATRAI PRATICANTES E OBSERVADORES. COMO VOCÊS ATRAEM NOVOS PÚBLICOS?**

O convite é feito “boca a boca” e via redes sociais. Com isso se faz um levantamento do nú-

mero de participantes para confecção de camisas padronizadas. As comitivas são de várias localidades como Remígio, Arara, Casserengue, Areia, Pocinhos, Barra de Santa Rosa, e em especial, os adeptos de nossa cidade.

**É PERMITIDA A PARTICIPAÇÃO DE QUALQUER PESSOA OU APENAS DAQUELES QUE JÁ PRATICAM A ALGUM TEMPO?**

Sim. É um evento que atrai diversos praticantes. Permitimos a participação de todo o público. Muitas pessoas vêm de moto, carro e participam de toda a festividade.

**O EVENTO CONTA COM ALGUMA INSCRIÇÃO OU ALGUM TIPO DE CUSTEIO PARA ALGUNS PARTICIPANTES?**

Não temos inscrições e é opcional dos praticantes adquirir a camisa da edição.

**DE QUE FORMA ESTE EVENTO CONTRIBUI PARA A ECONOMIA LOCAL?**

O evento contribui de forma positiva economicamente para nossa cidade, pois compramos os materiais para o churrasco e feijoada aos comerciantes locais. Cedemos o bar para a população





vender sua bebida, gerando assim a consumação avulsa.

QUANTAS PESSOAS O EVENTO ATRAI ENTRE PARTICIPANTES E OBSERVADORES?

Não sabemos ao certo quantas pessoas participam do evento, mas podemos ter uma média em relação a última edição na qual contamos com cerca de 100 cavaleiros e cada um sempre traz familiares consigo. Além disso também contamos com os observadores.

EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS, TEM ALGUM PREPARO FÍSICO NECES-

SÁRIO, EXISTE ALGUM PONTO DE APOIO PARA ESTES ANIMAIS? Por se tratar de um trajeto simples os animais não necessariamente precisam ser treinados. No local, contamos com a participação de um médico veterinário para em caso de necessidade, fazermos o atendimento. Por se tratar de zona rural, sempre há sombra e água fresca.

O EVENTO JÁ PODE SER CONSIDERADO UMA TRADIÇÃO E UM ATRATIVO TURÍSTICO?

Com certeza! Este evento se tornou uma das festividades tradicionais da nossa região,

e por isso, temos o objetivo de dar continuidade. A própria população sempre pede a permanência do evento.

NA SUA OPINIÃO, A CAVALGADA DE SÃO PEDRO É UM ACONTECIMENTO CULTURAL PARA A CIDADE? DE QUE FORMA CONTRIBUI PARA OS MORADORES?

A cavalgada é sim um acontecimento cultural, pois ela já se tornou tradição na cidade de Algodão de Jandaíra contribuindo de forma positiva para moradores, tendo em vista que todos podem participar do evento.



  
*Folha de Algodão*

